

OLHANDO PARA A AMÉRICA LATINA, OS IMIGRANTES E SEUS FILHOS: COMO AS DIFERENÇAS LINGUÍSTICAS E O BILINGUISTO PODEM INFLUENCIAR NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DOS FILHOS DE MIGRANTES?

Ivan Zanetti Mota¹

Resumo: Atualmente, quando observa-se a formação das sociedades ao longo do globo, os filhos de imigrantes representam um setor que vem crescendo rapidamente entre a população de crianças e jovens. Estes imigrantes, que representam aproximadamente 200 milhões de pessoas (aproximadamente três por cento da população mundial), em muitos casos falam diferente(s) língua(s) daquela(s) que é(são) utilizada(s) pela maioria da população e, conseqüentemente, daquela(s) adotada(s) pelas escolas. Tal contexto torna-se um grande desafio para um bem sucedido processo de ensino-aprendizagem não somente nos países latino-americanos, mas em todo o mundo. Este artigo discutirá a influência da linguagem no desenvolvimento cognitivo, considerando o papel do bilinguismo no desenvolvimento dos filhos de imigrantes. Com o número de migrantes ao longo da América Latina crescendo, especialmente jovens, é necessário analisar criticamente o quão importante o bilinguismo pode ser para o desenvolvimento cognitivo, considerando a linguagem como uma "ferramenta" psicológica que ajuda no desenvolvimento cognitivo ao mesmo tempo em que este ajuda no desenvolvimento da linguagem.

Palavras-chave:

filhos de imigrantes; ensino-aprendizagem; imigração; bilinguismo; desenvolvimento cognitivo.

Abstract: Nowadays, when we look into societies along the world, the immigrants' children are a faster growing sector of the child and youth population. These immigrants, who represent approximately 200 million people (around three per cent of the world's population), frequently speak a different language than majority, which is the language adopted in schools. Such background is a great challenge for a successful teaching-learning, not only in Latin America, but also in all around the world. This paper is going to discuss the influence of language on cognitive development, considering the role of bilingualism on immigrants' children's development. With the number of migrants around Latin America increasing, especially youth migrants, it is necessary analyse critically how important bilingualism can be to cognitive development, considering language as a psychological "tool", which helps into the cognitive development at same time that such development helps language.

Keywords:

immigrant's children; teaching-learning, immigration, bilingualism; cognitive development

Resumen: En la actualidad, cuando se observa la formación de las sociedades de todo el mundo, los hijos de los inmigrantes representan un sector que está creciendo rápidamente entre la población de niños y jóvenes. Estos inmigrantes, que representan aproximadamente 200 millones de personas (alrededor de tres por ciento de la población mundial), en muchos casos hablan una lengua diferente a la mayoría de la población y por lo tanto, de aquella que es adoptada por las escuelas. Este contexto se convierte en un gran desafío para el éxito de la enseñanza-aprendizaje no sólo en América Latina sino en todo el mundo. Este artículo discutirá la influencia del lenguaje en el desarrollo cognitivo, teniendo en cuenta el papel del bilingüismo en el desarrollo de los hijos de los inmigrantes. Con el número de migrantes de América Latina cada vez mayor, en especial los jóvenes migrantes, es necesario examinar críticamente cómo el bilingüismo puede ser importante para el desarrollo cognitivo, considerando la lengua como una "herramienta" psicológica que ayuda al desarrollo cognitivo al mismo tiempo esto ayuda en el desarrollo del lenguaje.

Palabras clave:

¹ Aluno de Graduação do curso de Geografia, Bacharelado e Licenciatura, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. (ivan.mota@usp.br)

hijos de inmigrantes, enseñanza-aprendizaje, inmigración, bilingüismo, desarrollo cognitivo.

Introdução

As crianças que não têm uma proficiência linguística adequada para compreender a linguagem utilizada pela instituição de ensino a qual frequenta, pode encontrar algumas barreiras na compreensão dos conceitos que envolvem o processo de ensino-aprendizagem, podendo representar uma barreira para o desenvolvimento cognitivo do sujeito. Assim, ao longo do artigo procurar-se-á discutir a influência da linguagem no desenvolvimento cognitivo, considerando o papel do bilinguismo nos processos educativos - focados na escola - dos filhos de imigrantes.

Acredita-se que uma intervenção no pensamento e na linguagem permite à criança uma movimentação de um uso fragmentário, com baixos níveis de compreensão, para um coerente e flexível controle de seu sistema representacional e habilidades cognitivas (Meadows 2006), em outras palavras, a linguagem seria uma “ferramenta” psicológica, a qual tem importante papel no desenvolvimento cognitivo, ao mesmo tempo em que este ajuda na linguagem.

Assim, faz-se necessário considerar que a aquisição da linguagem constitui um processo no qual a comunicação – fenômeno social – é sempre central. As palavras fazem com que os seres humanos compartilhem significados com outros e, conseqüentemente, participem de um processo de construção cultural (Balter & Tamis-LeMonda 2006).

Quando os estudos se focam no bojo das sociedades contemporâneas, os filhos de imigrantes representam um crescente setor entre a população jovem. Em países como os Estados Unidos, por exemplo, estes constituem a maior minoria e o setor que mais cresce entre a população (Collins & Toppelberg 2010). Já no Brasil, quando olha-se a quantidade de imigrantes, é possível observar um crescimento considerável: entre 1995 e 2000, esse número era de 143 mil, já entre 2005 e 2010 (último senso) esse número subiu para 268 mil pessoas (IBGE 2010).

Esses imigrantes, geralmente, utilizam-se de diferentes línguas quando comparadas àquela utilizada pela maioria da população, a qual é, frequentemente, a língua adotada pelo sistema educacional, representando, pois, um dos desafios da educação, não somente brasileira, mas sim, latino-americana.

Conseqüentemente, há uma miríade de sistemas escolares diferentes ao longo da América Latina e do mundo, muitos deles voltados a um ensino bilíngue, como o relevante exemplo de Singapura, onde a obrigatoriedade do ensino bilíngue no nível primário começou ainda em 1969 (Ng 2010). No referido país, o inglês é a língua utilizada no comércio internacional, na ciência, na tecnologia e na educação, enquanto as três outras línguas existentes no país (mandarim, malaio e tâmil) são utilizadas em outras situações.

Pode-se afirmar, ainda, que quase todos os países são bilíngues, entretanto, a maioria dos estudos relacionados ao desenvolvimento linguístico e ao processo de ensino-aprendizagem, é centrada no indivíduo monolíngue (Collins & Toppelberg 2010), o que representa um campo promissor (e necessitado) de novas pesquisas. Além disso, colocar os filhos de imigrantes no foco dos estudos sobre migração e educação é indispensável, uma vez que estes são os atores principais desse contexto, com os quais acontecem os mais relevantes movimentos de aquisição de uma nova língua, uma vez que, durante a infância e adolescência o sujeito se reestrutura socialmente, estabelecendo novas expectativas perante si mesmo e perante os familiares, amigos, colegas de escola e demais grupos, aumentando, conseqüentemente, o tempo em que gasta em contextos outros que não sua residência (Collins & Toppelberg 2010, Balter & Tamis-LeMonda 2006).

Contextualização

Atualmente, o número de migrantes internacionais, em termos de pessoas que vivem em países diversos daqueles nos quais tenham nascido, vem crescendo. Em 2007, de acordo com Chant & McIlwaine (2009), esse número representava aproximadamente 192 milhões de pessoas (cerca de três por cento da população mundial).

A migração é um fenômeno internacional, o qual ocorre no interior de todos os continentes. Por exemplo, na América Latina cerca de cinco por cento da população da Argentina e da Venezuela são migrantes de áreas mais pobres de países vizinhos como Colômbia, Bolívia e Paraguai; em Costa Rica, entre seis e oito por cento da população é de origem nicaraguense. Quando olhamos para os Estados Unidos, a maioria dos imigrantes veio do Caribe, México ou da América Central. Já no continente europeu, por sua vez, recebe imigrantes majoritariamente do sul e do oeste da Ásia e do norte do continente africano.

Como pode-se observar, ao redor do globo há um significativo número de imigrantes, que vão encontrar vários desafios, como xenofobia, obstáculos econômicos, dificuldades provenientes das separações familiares, estrutura precária de moradia e/ou estudo e, um dos mais relevantes pontos para essa pesquisa, as dificuldades linguísticas (Suárez-Orozco & Suárez-Orozco 2010).

Definindo conceitos

Para se entender o problema *per se*, faz-se necessário definir alguns conceitos, como Cognição, Linguagem, Migração e Bilinguismo. Cada um deles tem importantíssimo papel na compreensão da questão do ensino-aprendizagem dos filhos de imigrantes.

Cognição

Os seres humanos estão, em qualquer lugar, a todo momento, expostos a todos os tipos de informação. Como eles internamente interpretam ou transformam essas informações é denominado Cognição, também conhecida como Atividade Mental (Smith & Kosslyn 2007).

Por muitos anos os estudos cognitivos focaram apenas na mente, como podemos observar nos trabalhos de filósofos como René Descartes (1596-1650), John Locke (1632-1704) e George Berkeley (1685-1753), os quais deram, a seu tempo, importantes contribuições no sentido de separar mente e corpo. Após algum tempo, esses estudos, com a contribuição da Biologia, ainda que focados na mente, passaram a comparar a relação humana entre corpo e mente à relação entre hardware e software, na informática.

Hoje, com as novas descobertas nos estudos cognitivos, é possível considerar vários fatores que influenciam na atividade mental humana. Primeiramente, não se pode considerar o cérebro como uma entidade única, mas sim a união de componentes que trabalham em conjunto, da mesma forma que a mão, por exemplo, é uma união de ossos, tendões e músculos separados que também trabalham em conjunto (Smith & Kosslyn 2007). Outro importante aspecto a ser considerado é o fato de, de acordo com as ideias de Falik, Feuerstein & Feuerstein (2010), o componente cognitivo é o mais importante elemento no desenvolvimento da personalidade humana.

De acordo com essa teoria, a cognição é adaptativa e modificável, oferecendo ao indivíduo o poder de decidir, através da mobilização de seus processos cognitivos, o que focar, quando focar e de que maneiras focar. Esses processos cognitivos são fundamentais, ainda, na organização de grande parte das informações às quais estão expostos os sujeitos, permitindo, por exemplo, o planejamento e a execução de decisões.

Sinteticamente, é importante dar ênfase ao fato de que a cognição humana é modificável, logo a educação tem um papel crucial no desenvolvimento cognitivo dos indivíduos, tal como será possível observar ao longo do artigo.

Linguagem

De acordo com Smith & Kosslyn (2007), há mais de 5 mil diferentes linguagens na Terra. Em simples palavras, correndo o risco de soar demasiadamente reducionista, a linguagem pode ser definida como um veículo no qual os seres humanos podem expressar seus pensamentos. Segundo Harley (2008: 5), a linguagem é “um sistema de símbolos e regras que nos permitem comunicarmos uns com os outros” (tradução livre). Alguns animais têm um sistema complexo de comunicação, entretanto somente a linguagem humana possui tais peculiaridade: primeiramente, o fato de ser possível combinar sons isolados entre si para construir palavras com diferentes significados; outra característica da linguagem é a de o som (ou a ortografia) de determinada palavra não ter, necessariamente, relação com o seu significado; finalmente,

através da complexidade da linguagem humana, é possível combinar palavras infinitamente, construindo uma variedade sem fim de sentenças, cada uma com seu próprio significado.

Essa complexidade, por sua vez, faz com que os psicólogos e estudiosos do assunto, acreditem que os seres humanos arquivam as palavras (e conseqüentemente os conceitos) em um dicionário mental, (Harley 2008), no qual todas as informações sobre uma determinada palavra estejam dentro deste “dicionário”, como o som, o significado, a ortografia etc..

Adicionalmente, é possível afirmar que a aquisição da linguagem per se constitui um processo no qual a comunicação é sempre central (Pan, Snow & Uccelli 2006). Como é possível encontrar na teoria de Vygotsky, a linguagem pode ser considerada uma “ferramenta” psicológica, porque permite uma mudança qualitativa na vida mental dos indivíduos, “mudando a relação dos seres humanos com os outros e com o universo não-humano” (Meadows 2006) (tradução livre).

Migração

De acordo com o dicionário on line Michaelis (2009), migração é definida por

sf (lat migratione) 1 Sociol Ato de passar de um país para outro (falando-se de um povo ou grande multidão de gente); movimento espacial de um habitat para outro. 2 Viagens periódicas ou irregulares que fazem certas espécies de animais (andorinhas, codornizes, gafanhotos). M. interna, Sociol: aquela que ocorre dentro dos limites de uma sociedade politicamente organizada, de uma mesma nação.

Entretanto, quando fala-se de migração, é imperativo que se considere os diversos elementos e fatores que o constituem. Há quem se mude procurando melhores oportunidades (sociais e/ou econômicas), enquanto outras que fogem de perseguições políticas, religiosas ou étnicas.

Atualmente, com o aumento expressivo dos eventos relacionados à globalização, há um estímulo para novas migrações, relacionado a alguns fatores como: maior acessibilidade dos transporte de massa; maior integração global da economia, com a necessidade de trabalhadores internacionais; e a facilidade de acesso à informação, comunicação e tecnologias diversas, gerando novos desejos, vontades, práticas e estilos de vida.

A duração dos movimentos migratórios é deficiente em dados (Chant & McIlwaine 2009), pelo fato de aqueles a eles relacionados são inexatos. Tomemos por exemplo um migrante que deixou seu país de origem temporariamente (para acumular dinheiro para investir, por exemplo, em propriedade ou negócio), ao chegar ao país de destino, ele (ou ela) pode acabar encontrando um emprego, casando e/ou tendo filhos, fazendo com que permaneça definitivamente neste país, o que não estava previsto (ou ao menos informado, a princípio, às autoridades locais), revelando, pois, a complexidade dos padrões migratórios.

Por fim, os migrantes podem mover-se com os membros de sua família (parceiros, filhos etc.) ou sozinhos e, em seguida, constituir uma família no novo local. Esse fenômeno contribui para que cresça o

número de jovens com família de origem imigrante (como acontece, por exemplo, nos Estados Unidos, onde isso representa aproximadamente 25 por cento dos jovens lá residentes) (Suárez-Orozco & Suárez-Orozco 2010).

Bilinguismo

Bilinguismo é a habilidade de falar duas línguas fluentemente. De acordo com Harley (2008), há três tipos de bilinguismo: simultâneo, consecutivo e consecutivo tardio. O primeiro ocorre quando a segunda língua (L2) é aprendida simultaneamente à primeira língua (L1). O segundo se dá quando a criança aprende L1 e depois, entretanto relativamente cedo, L2. Já o terceiro tipo ocorre quando o intervalo de tempo entre aprender L1 e L2 é maior (o indivíduo aprende L2 na adolescência ou na fase adulta).

Pode-se afirmar que há indivíduos bilíngues e sociedades bilíngues. Segundo alguns estudos (Verplaetse & Schmitt 2010) a maioria das sociedades é bilíngue (aproximadamente 70 por cento da população mundial é bilíngue). Por exemplo: muitos países africanos e algumas regiões da Ásia usam duas ou mais línguas. Há alguns países onde há dois grupos linguísticos (monolíngues), como é possível observar no Canadá. Há outros países, ainda, onde diferentes línguas têm diferentes usos, como a Suíça alemã, Marrocos, Paraguai, Singapura e demais países, muitos deles na América Latina.

O bilinguismo individual pode ser visto como um atributo positivo ou negativo, dependendo do contexto no qual se encontra o sujeito bilíngue. Quando a sociedade tem uma atitude positiva com relação a este sujeito, o mesmo pode usar as duas línguas com relativa naturalidade. Por outro lado, quando o mesmo não é bem aceito pela maioria (monolíngue) ele não pode utilizar-se das duas línguas normalmente, o que força muitos jovens bilíngues a interromper um natural o uso das duas, resultando em uma situação denominada semi-linguismo (Verplaetse & Schmitt 2010), quando os falantes são incapazes de se expressar claramente em nenhuma das línguas.

Quando os indivíduos migram para um país onde a língua é diferente daquela a qual é falada no seu país de origem, normalmente eles – primeira geração de imigrantes – continuam usando a língua materna enquanto adquirem a língua usada majoritariamente no novo país. Eles são indivíduos monolíngues que adicionam outra língua ao seu repertório. Entretanto, seus filhos, comumente, adquirem a língua de seus pais (L1) e a nova língua (L2), que é aquela utilizada entre as pessoas fora de seu círculo familiar (por exemplo: escola, amigos etc.).

É importante compreender, ainda, que bilíngues não são uma soma de dois completos monolíngues em um indivíduo. Conseqüentemente há vários casos de bilíngues “desequilibrados” (ou bilíngues fracos), no qual as duas línguas são desenvolvidas desigualmente no sujeito, corroborando para a afirmativa de que a experiência com uma língua per se não é suficiente para permitir à criança aprender esta (Best, 1999: 237), e

é a partir deste ponto que a discussão do bilinguismo como ferramenta ou barreira para o desenvolvimento cognitivo dos filhos de imigrantes deve continuar.

Bilinguismo como uma ferramenta ao desenvolvimento cognitivo

O número de migrantes ao longo do Globo vem crescendo, especialmente entre os jovens. Isso faz com que seja necessário analisarmos quão importante o bilinguismo pode ser para o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos envolvidos, direta ou indiretamente, neste processo. Quando esses jovens são absorvidos pelos mais diversos sistemas escolares, em diferentes cidades, como Pequim, Nova Iorque, Oslo, Singapura, São Paulo, Lima ou Buenos Aires, um novo desafio começa.

Usar palavras como nomes é, de acordo com Meadows (2006), um importante aquisição cognitiva, em outras palavras, quando as crianças aprendem uma nova língua, há relevantes modificações cognitivas. Além disso, o bilinguismo pode ser considerado uma ferramenta para o desenvolvimento cognitivo por algumas razões, como: a criança bilíngue deve aprender a mapear cada conceito em duas diferentes formas, tanto no que concerne à fonologia*, como no que concerne à estrutura sintática** (uma para cada língua), enquanto que a criança monolíngue apenas tem de armazenar esses conceitos em uma única forma (linguística ou gramatical) (Smith & Kosslyn 2007: 525).

Outro fato que corrobora para a afirmação de que o bilinguismo é uma ferramenta ao desenvolvimento cognitivo, é o fato de que as crianças bilíngues devem (consciente ou inconscientemente) escolher qual linguagem usar todas as vezes que falam, escrevem ou lêem, enquanto que os monolíngues não têm tal escolha para fazer. Assim, sempre que um indivíduo bilíngue usa uma das línguas, a outra deve ser “inibida”, caso contrário, ou a produção linguística se tornaria em uma incoerente mistura de dois distintos vocabulários e duas sentenças de estruturas diversas (Smith & Kosslyn 2007: 528). Tal ato – mudar a língua continuamente –, de acordo com alguns pesquisadores (Bialystok 2007, Guathercole et al. 2010), é essencial para aperfeiçoar o controle da função executiva da atenção, por exemplo.

Pode-se afirmar que ao menos dois processos cognitivos são aprimorados com a prática bilíngue: a mudança de foco (atenção) de uma língua (ou atividade, ou processo) para outra; e a inibição da linguagem que não está em uso.

Entretanto, é importante considerar que todas essas influências positivas do bilinguismo, no desenvolvimento cognitivo do indivíduo, devem estar associadas a um bilinguismo balanceado (Collins & Toppelberg 2010), o que significa que o sujeito deve ter uma alta competência em ambas as línguas, em outras palavras, ele deve ser capaz de se comunicar-se usando ambos os idiomas. Essa característica pode ser considerada um fator propulsor do desenvolvimento cognitivo e de outras habilidades, determinando o

* Fonologia: ramo da linguística que estuda o sistema sonoro de determinada língua.

** Sintaxe: ramo da gramática que estuda a disposição dos elementos (palavras, frases) em determinado discurso.

crescimento de uma série de habilidades verbais e não-verbais, bem como uma consciência metalinguística mais elaborada, a aquisição de novos conceitos, o auxílio no aprimoramento da criatividade, e numa maior flexibilidade cognitiva (Collins & Toppelberg 2010).

Bilinguismo como uma barreira para o desenvolvimento cognitivo

Até agora foi possível observar como o bilinguismo auxilia no desenvolvimento cognitivo da criança, auxiliando a regular atividades mentais, como quando auxilia a controlar a atenção e a ignorar informações desnecessárias (ou enganosas). Não obstante, há algumas pesquisas que demonstram algumas deficiências cognitivas as quais estão mais intimamente relacionadas aos indivíduos bilíngues.

Como sabe-se, a linguagem é uma ferramenta que permite aos seres humanos compartilhar significados uns com os outros, conseqüentemente, crianças que não possuem uma proficiência linguística adequada para compreender a linguagem utilizada na instituição escolar na qual frequenta, pode encontrar algumas dificuldades para entender conceitos (pois falta-lhe vocabulário adequado), o que significaria uma barreira a aquisição de conceitos científicos e, conseqüentemente, uma barreira para o desenvolvimento cognitivo. Tal barreira, neste caso, é particularmente relacionada às crianças bilíngues que têm déficits em ambos idiomas (aqueles que caracterizam o semi-linguismo, ou os bilíngues fracos) (Kempert, Hardy & Saalbach 2011).

É possível afirmar, ainda, que existem duas principais conseqüências negativas na relação entre bilinguismo e desenvolvimento cognitivo: a baixa proficiência, por parte do aluno, na linguagem utilizada nas mediações dos professores; e a necessidade de mudar o idioma utilizado, o que demanda mais tempo.

Outra barreira para o desenvolvimento refere-se ao vocabulário. De acordo com Bialystok (2007), crianças bilíngues têm um vocabulário menor, em cada uma das línguas, quando comparadas às monolíngues, o que pode ser um obstáculo para a aquisição de conceitos, uma ferramenta ao desenvolvimento.

Finalmente, pode-se falar da necessidade de tempo para que a criança adquira a habilidade básica para comunicação interpessoal, a qual permite a ela ser capaz de utilizar a linguagem para atender às necessidades básicas de comunicação. Isso pode entre um e três anos, enquanto que para um nível linguístico adequado academicamente, com mais sofisticadas habilidades, geralmente leva-se entre cinco e nove anos (Collins & Toppelberg 2010, Verplaetse & Schmitt 2010). Obviamente é raro entre a população ser igualmente proficiente ao longo de todos os contextos linguísticos, entretanto uma alta competência em ambas as línguas é possível após alguns anos de exposição contínua à nova língua (Collins & Toppelberg 2010).

Bilinguismo: uma ferramenta ou uma barreira ao desenvolvimento?

É necessário que se analise os argumentos antes de concluir algo sobre a influência do bilinguismo no desenvolvimento cognitivo. Primeiramente, quando se fala sobre um baixo desenvolvimento do vocabulário nas crianças bilíngues, faz-se necessário considerar cada idioma individualmente, entretanto se se considera o número total de palavras armazenadas (considerando a fonologia e seu significado), os indivíduos bilíngues têm, em ambos os idiomas, ao menos a mesma quantidade quando comparados aos monolíngues (Smith & Kosslyn 2007).

Como é possível observar, sujeitos bilíngues necessitam de um mecanismo de controle de atenção mais elaborado para escolher um sistema linguístico e ignorar outro enquanto não o está utilizando, o que representa uma influência positiva no desenvolvimento cognitivo. Conseqüentemente, crianças bilíngues necessitam ter uma múltipla (ou dupla, ao menos) representação linguística para acomodar seu conhecimento (ou, simplesmente, as duas línguas). Essa é a característica mais relevante que diferencia os monolíngues dos bilíngues (Bialystok 2007).

Pode-se afirmar, de acordo (Bialystok 2007), que as crianças bilíngues não são mais inteligentes que os colegas monolíngues, entretanto têm uma habilidade mais elaborada para controlar o uso de conceitos adquiridos ao longo de seu percurso; em outras palavras, indivíduos bilíngues são superiores quanto aos monolíngues no que diz respeito ao controle executivo da atenção. Essas vantagens foram vistas apenas em condições de maiores dificuldades, enquanto que em condições normais, ambos, bilíngues e monolíngues, têm a mesma performance. Além do mais, é possível afirmar que crianças bilíngues possuem capacidades diferentes – e algumas vezes melhores em determinadas maneiras – quando comparadas às monolíngues (Kinginger 2010, Kousaie & Phillips 2012).

Todavia, segundo Collins & Toppelberg (2010), uma boa habilidade linguística é, em muitas vezes, relacionada a uma boa adaptação social e a um baixo risco de psicopatologias, por exemplo: quando a criança tem um L1 deficiente, ela pode mais frequentemente ter dificuldades com a comunicação familiar, uma vez que a linguagem materna está relacionada à decodificação das primeiras emoções e à regulação dos estados mentais iniciais. Por outro lado, quando a criança tem um L2 deficiente, é tratada como um bebê: seus colegas não a incluem nas conversas e acabam a ignorando.

Conclusão

Após olhar para o problema do desenvolvimento dos filhos de imigrantes, considerando aspectos sociais, linguísticos e cognitivos, faz-se necessário concordar com Suárez-Orozco & Suárez-Orozco (2010), os quais afirmam que em toda história bem sucedida de um imigrante, há um adulto que o olhou com interesse quando criança, tornando-se ativamente engajado em sua vida, além disso, a conexão com não

parentes adultos – líderes comunitários, líderes religiosos e, principalmente, professores – são de extrema importância para a adaptação social e acadêmica de imigrantes adolescentes.

Deve-se analisar criticamente a atual preocupação internacional no que concerne às políticas de educação bilíngue (ou a falta dela), considerando as positivas e negativas consequências do bilinguismo no ensino, cada vez mais presentes nas salas de aulas de todo o mundo.

Entretanto, mais importante do que pensar nas políticas internacionais, é necessário olhar para o trabalho dos professores, os quais além de se depararem diariamente com a natural diversidade dentro da sala de aula – pois cada aluno representa uma individualidade –, encontram a diversidade linguística e cultural dos filhos de imigrantes, representando um desafio a mais para adicionar à tarefa diária da docência, que merece muita atenção e estudo sério.

Referências bibliográficas

Balter, L. & Tamis-LeMonda, C. S. (2006) *Child Psychology: A Handbook of Contemporary Issues*. Second Edition. United States: Psychology Press.

Best, J. B. (1999) *Cognitive Psychology*. Fifth Edition. United States: Wadsworth Publishing

Bialystok, E. (2008) *Cognitive Effects of Bilingualism: How Linguistic Experience Leads to Cognitive Change*. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, 10:3, 210-223.

Chant, S., & McIlwaine, C. (2009) *Geographies of development in the 21st century: An Introduction to the Global South*. United Kingdom: Edward Elgar Publishing.

Collins, B. A., & Toppelberg C. O. (2010) *Language, Culture and Adaptation in Immigrant Children*. In *Child & Adolescent Psychiatric Clinics of North America*. Vol. 19, Issue 4, (pp. 697-717).

Dicionário de Português Online (2009) Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>> Último acesso em: 14.02.2013

Harley, T. A. (2008) *The Psychology of Language: from data to theory*. United States: Psychology Press

Falik, L. H., Feuerstein, R. S., & Feuerstein, R. (2010) *Beyond Smarter: Mediated Learning and the Brain's Capacity of Change*. United States: Teachers College Press.

Guathercole, V. C. M., Thomas, E. M., Jones, L., Guasch, N. V., Young, N. & Hughes, E. K. (2010) Cognitive effects of bilingualism: digging deeper for the contributions of language dominance, linguistic knowledge, socio-economic status and cognitive abilities. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, 13:5, 617-664.

Kempert, S., Hardy, I. & Saalbach, H. (2011) Cognitive Benefits and Costs of Bilingualism in Elementary School Students: The Case of Mathematical Word Problems. *Journal of Educational Psychology*, Vol. 103, No. 3, 547-561

Kinginger, C. (2010) Foreign Language Learning. In Peterson, P., Baker, E., & McGaw, B. (Eds.), *International Encyclopedia of Education*. Third Edition. (pp. 382-386). England: Elsevier.

Kousaie, S. & Phillips, N. A. (2012) Conflict monitoring and resolution: Are two languages better than one? Evidence from reaction time and event-related brain potentials. *Brain Research* 1446, 71-90

Meadows, S. (2007) *The Child as Thinker: The Development and Acquisition of Cognition in Childhood*. Second Edition United States and Canada: Routledge.

Ng, P. T. (2010) Singapore. In Peterson, P., Baker, E., & McGaw, B. (Eds.), *International Encyclopedia of Education*. Third Edition. (pp. 776-781). England: Elsevier.

Smith, E. E. & Kosslyn, S. M. (2007) *Cognitive Psychology: mind and brain*. United States: Pearson.

Suárez-Orozco, M.M., & Suárez-Orozco C. (2010) Immigration. In Peterson, P., Baker, E., & McGaw, B. (Eds.), *International Encyclopedia of Education*. Third Edition. (pp. 629-635). England: Elsevier.

Verplaetse, L. S. & Schmitt, E. (2010) Bilingualism and Learning In Peterson, P., Baker, E., & McGaw, B. (Eds.), *International Encyclopedia of Education*. Third Edition. (pp. 355-360). England: Elsevier.